
Rupturas e permanências de uma população tradicional no pós-guerra: o caboclo do Contestado

Rupture and permanence of a traditional post-war population: the Contestado's caboclos

Rupturas y permanencias de una población tradicional de posguerra: los caboclos del Contestado

Cristina Buratto Gross Machado¹

Recebido em 04/2017 – Aceito em 07/2017.

RESUMO: Nosso intuito para este artigo não é debater especificamente acerca da Guerra do Contestado, mas lançar um olhar sobre os principais impactos desta guerra na população que fora a mais prejudicada durante e após esse conflito, os caboclos, e para isso, apresentaremos algumas informações já levantadas em nossa pesquisa de doutorado. Também pretendemos trazer uma reflexão sobre o modo como esta população tradicional vem lidando ao longo dos últimos 100 anos, contados a partir do final da guerra, que praticamente os dizimou, para manter seu modo de vida, sua identidade e suas tradições, já que o sustentáculo desse modo de vida estava na terra, que fora usurpada, na floresta da araucária, no pinhão e na erva-mate que, concomitantemente à população, que quase foram exterminados desta região. Nossa pesquisa está sendo construída sob o aporte metodológico do materialismo histórico e dialético, e para este artigo além das revisões bibliográficas e documentais, também trabalhamos a partir de informações coletadas em trabalhos de campo realizados na região do Contestado Catarinense.

Palavras-Chave: Caboclos; Modo de vida; Populações tradicionais.

ABSTRACT: *The aim of this paper is not to discuss the Contestado War specifically, but to cast a look over its main impacts upon the most affected population during and after the conflict: the caboclos – Brazilians of mixed white and Indian or Indian and black ancestry. To do so, some information previously raised in our doctoral research was used. We also intend to reflect on how this traditional population has been struggling to maintain their lifestyle, identity and traditions in the last 100 years since the end of the war, which practically decimated them, as their way of life relied upon the land, the araucaria forest, pine nuts and maté herb, which were nearly exterminated together with the population. Our doctoral research is underpinned by the methodological framework of historical and dialectical materialism. For this particular paper, besides the bibliographical and documentary reviews, we used information collected in fieldwork conducted in the Contestado region – between the states of Santa Catarina and Paraná, in the south of Brazil – on the Santa Catarina side.*

Key words: *Caboclos; Lifestyle; Traditional populations.*

RESUMEN: *El intento de este artículo no es discutir específicamente la Guerra del Contestado, sino echar un vistazo a sus principales impactos sobre la población más afectada durante y después del conflicto: los caboclos – mestizos de blanco con indio, o indio con negro. Para ello, presentaremos algunas informaciones ya planteadas en nuestra investigación de doctorado. También tenemos la intención de reflexionar sobre cómo esa población tradicional ha venido manejando para mantener su estilo de vida, identidad y tradiciones en los últimos 100 años desde el final de la guerra, que prácticamente los diezmó, ya que el sostenimiento de su modo de vida estaba en la tierra, que les fue usurpada, en el bosque de araucarias, en el piñón y en*

la yerba mate que, junto con la población, casi fueron exterminados de esa región. Nuestra investigación doctoral se basa en el marco metodológico del materialismo histórico y dialéctico. Para este trabajo en particular, además de las revisiones bibliográficas y documentales, utilizamos informaciones recolectadas en trabajos de campo realizados en la región del Contestado – localizada entre los estados de Santa Catarina y Paraná, en el sur de Brasil – en el lado de Santa Catarina.

Palabras Clave: *Caboclos; Modo de vida; Poblaciones tradicionales.*

INTRODUÇÃO

Difícil falar da população da região do Contestado, sem rememorar a Guerra, a luta desse povo por sua vida e conseqüentemente por sua terra, sim, pois para eles, assim como o é para todas as populações tradicionais, a terra e seu território são sinônimos de vida, pois ambos estão entrelaçados, imbricados e representam o Ser. O ser caboclo!

Caboclo a priori é o nome dado à população resultante da miscigenação entre homens brancos e indígenas. Darcy Ribeiro em sua obra “O Povo brasileiro” (1995) trata dos principais aspectos relacionados a esses sujeitos, especialmente aos habitantes da Amazônia. Já o caboclo do Contestado é o sujeito resultante da mistura étnica entre indígenas, homens brancos e negros que por diferentes motivos aportaram na região, no Oeste de Santa Catarina e Sudoeste do Paraná, onde foram se fixando, criando suas famílias e construindo um modo de vida tão rico e diverso, que ora analisamos.

Para Pereira (1966) por conta do abandono legal dessa região por parte do Estado Nacional, conseqüência, primeiro da indefinição de suas fronteiras e pela disputa desta área entre Argentina e Brasil, que só se resolveu com a interferência de Grover Cleveland (então presidente dos Estados Unidos) a favor do Brasil em 1895. E segundo, pelas disputas internas entre Santa Catarina e Paraná, que só findaram em 1916, após a Guerra.

Essa indefinição sobre a jurisdição dessas áreas fez com que os seus habitantes desconhecessem o poder e o papel do Estado, já que segundo Pereira (1966), o mesmo não se fazia presente, com exceção de pequenos postos fiscais para a cobrança de impostos, ora realizadas por um lado, ora por outro lado. Mas estruturas como estradas, postos de assistência à saúde ou a educação, simplesmente não existiam. Nem a Igreja estava presente nesses locais, o povo vivia a própria sorte e foi se adaptando em suas comunidades, criando suas formas de convívio e de solidariedade.

Essas comunidades desenvolveram saberes e formas de manejo dos recursos naturais, que ultrapassam os interesses econômicos e sua sobrevivência, mas que

abarcam sua “reprodução cultural e social, além de percepções e representações em relação ao mundo natural, marcadas pela ideia de associação com a natureza e a dependência de seus ciclos” (DIEGUES, 2010, p. 24).

Autores como Fraga (2012, 2016), Welter (2007), Machado (2011) entre outros, nos reportam uma imagem do caboclo como um sujeito em equilíbrio com seu meio, tanto social, quanto ambiental, dentro de uma simplicidade que lhe é característica e que difere do modo de vida capitalista urbano e rural do período pré-guerra. Existiam trocas comerciais com os fazendeiros da região e, personagens como os “Bodegueiros” e os “tropeiros” eram fundamentais, já que comercializavam/trocavam produtos e faziam circular os excedentes da produção desses camponeses ao longo do território (PEREIRA, 1966). Sobre essa identidade cabocla Tomazi também esclarece que:

Até um século atrás, a identidade cabocla do Contestado ia sendo estruturada fundamentalmente a partir de uma experiência de vida comunitária e numa relação íntima com a natureza. Desconsiderando o processo de colonização baseado na violência promovida a partir das grandes fazendas de criação de gado e da cultura liberal-capitalista, o povo do Contestado formava pequenas comunidades e vivia segundo valores herdados das culturas indígenas, africanas e europeia-cristã (TOMAZI, 2005, p. 98).

Os caboclos são indivíduos miscigenados, híbridos e continuam sua metamorfose (TOMAZI, 2005), estão em constante construção, e sendo assim, não temos a pretensão de classificar ou predeterminar os sujeitos, pois não acreditamos em uma exatidão, um fim, e essa talvez seja a maior riqueza desse grupo. Mesmo com a perda da terra e das milhares de vidas, eles resistem ao tempo e às adversidades e nesses cem anos a cultura se fortaleceu e prevaleceu aos horrores da guerra.

Apesar do longo tempo passado a guerra ainda é latente, tanto nas memórias e discursos do povo, quanto nos inúmeros sítios históricos e resquícios que ainda estão presentes na região, bem como nos baixos IDHs das áreas afetadas pela guerra. Por esse motivo é que consideramos difícil ou impossível analisar as questões relativas a esse povo sem rememorar a guerra do Contestado. Já que a guerra foi responsável pela queda de todo equilíbrio retratado anteriormente e deixou marcas tão fortes que mesmo após um século do seu fim, ainda estão presentes.

Nosso intuito para este artigo não é debater especificamente acerca da Guerra do Contestado, mas lançar um olhar sobre os principais impactos desta guerra na população que fora a mais prejudicada durante e após esse conflito, os caboclos, e para isso, apresentaremos algumas informações já levantadas em nossa pesquisa de

doutorado, que está sendo construída sob o aporte do materialismo histórico e dialético. Para este artigo além das revisões bibliográficas e documentais, também trabalhamos a partir de informações coletadas em trabalhos de campo realizados na região do Contestado Catarinense.

A guerra e a perda do território tradicional

Respaldados por parte da substancial bibliografia existente sobre a Guerra do Contestado e de conhecimento das duas² principais vertentes que debatem sobre esse fato, nos posicionamos pela versão da luta pela terra, pelo movimento camponês de resistência exercido pelos caboclos da região ao sentirem-se coagidos pelo Estado e pelas ações empregadas por representantes do coronelismo da região e pelas companhias *Brazil Railway Company* (responsável pela construção da estrada de ferro São Paulo – Rio Grande, entre outras ferrovias no Brasil e no mundo) e a *Southern Brazil Lumber and Colonization* pertencentes ao grupo estrangeiro o *Trust of Toront*, administrado pelo empresário Percival Farquhar.

O discurso oficial da época é de que, com a construção da estrada de ferro São Paulo-Rio Grande, na região do Planalto Catarinense, o desenvolvimento chegaria para esse grande “sertão”. A população que o habitava foi ignorada por esse discurso e pela mídia, e foi sendo forçada a abandonar o território ocupado há décadas, para dar vez ao “grande dragão de ferro” (o trem), prenunciado pelo monge São João Maria.

O que para uns teria significado de progresso, de desenvolvimento, para outros seria o fim, o seu extermínio. O desenvolvimento regional impulsionado com a chegada da República fez com que acordos fossem realizados desconsiderando um contingente populacional que até então ocupava essas áreas, e que não possuía legalmente a posse das terras. O fato a ser considerado e que à sua época não o foi é que:

Após e durante todo o período imperial, o Contestado viveu certa autonomia com liberdade, sem ser incomodado pela administração e política de então. Com o advento da República, o Contestado “livre e autônomo” passou a dividir interesses com o governo central e a entrada do capital externo, principalmente a concessão de terras para a construção da Ferrovia São Paulo – Rio Grande (FRAGA; LUDKA, 2012, p. 08).

A empresa Lumber chegou à região no início do século XX e com ela milhares de homens e máquinas para começar a “desbravar o sertão” e construir os 372 km da estrada de ferro que a cruzaria. Em contrapartida à construção da ferrovia, o Estado concedeu as terras que a margeariam, 15 km de cada lado, o que chegaria a um total

de 6.696 km², que na configuração atual corresponderiam a 7% do estado de Santa Catarina (KAISER, 2014, p. 21). Essas terras consideradas pelo Estado como devolutas, só tiveram a posse respeitada os coronéis da região (fazendeiros), os caboclos que eram posseiros não foram considerados, isso apesar de terem seus direitos garantidos pela Lei de Terras de 1850, já que a mesma reconhecia a posse a quem ocupasse terras por um longo período, como era o caso dos caboclos, porém, por se tratarem de camponeses pobres e iletrados, tal lei não foi considerada (MEIRINHO, 2009).

A Lumber que tinha interesses em explorar a área e a floresta que a cobria, não tardou em começar a derrubar a mata e expulsar os seus moradores, para isso contou com a ajuda do Estado e criou seu próprio mecanismo de ataque contratando homens de outras regiões do país para forçar a saída de quem resistisse. Esses sujeitos que ficaram conhecidos como “jagunços” é que teriam começado a “limpeza” da terra.

Machado (2015) esclarece que a intensão da empresa estava mais em explorar a madeira da região, do que na construção da estrada de ferro, sendo esta apenas um subterfúgio, o autor ressalta ainda que economicamente a estrada não obteve sucesso, o que prevaleceu foi o interesse em explorar as matas e especular a terra, já que essa também era uma empresa de colonização, e tinha o intuito de posteriormente dar início a ocupação da região por imigrantes europeus, também com o apoio do Estado Nacional, que na época investia em políticas de branqueamento populacional.

Outro fato que confirma tal hipótese é que o traçado feito pela Lumber para a ferrovia era tão sinuoso que impedia a realização de grandes composições de vagões de trem, o que seria mais lógico, e demonstra que o interesse real era abocanhar a maior quantidade de terras e de madeiras possível (MACHADO, 2015).

Durante esse processo, os caboclos que fugiam desses jagunços foram se embrenhando mata adentro e recorrendo aos chamados redutos, que, grosso modo, foram áreas em que essa população encontrou abrigo. Nesses redutos os caboclos recebiam o apoio do monge José Maria, que se tornou um líder para esse povo em vários sentidos, apesar de tê-los auxiliado a resistir e se defender dos ataques da Lumber, o seu papel espiritual ficou mais conhecido, o que fez com que os caboclos fossem chamados de fanáticos, especialmente pela mídia da época. Esse monge, assim como os outros monges³ que passaram pela região, peregrinava pelo sul (e não só) do país levando alento para essa população tão carente. Os monges exerciam o papel de curandeiros, com seus chás e remédios retirados da floresta, faziam

batizados, benzimentos, orações e aconselhavam toda essa população cumprindo papel de guia espiritual, assim como o fazem os padres em suas paróquias.

Por volta de 1912, José Maria se estabelece em Taquaruçu, um desses redutos caboclos, e cria ali uma “farmácia popular” onde atendia gratuitamente quem o procurasse, ele também pregava abertamente sobre os desmandos do governo republicano que explorava essa população (KAISER, 2014).

O reduto de Taquaruçu, que ficava entre os municípios de Curitiba e Campos Novos, com o tempo foi tomando corpo, pois centenas de caboclos fugidos dos conflitos com a Lumber e fieis seguidores do monge passaram a viver ali sob seus cuidados e orientação, a concentração de pessoas naquela localidade começou a chamar a atenção dos políticos da região, que percebiam todo esse contingente como uma ameaça.

No reduto, a vida em comunidade era organizada de maneira igualitária, tudo era compartilhado, sendo assim:

Não duvidamos que os ensinamentos dos monges, sobretudo do Zé Maria, que diz, quem tem mói, quem não tem mói também e no fim todos ficam iguais, seja a frase que melhor explicita o mundo e a índole cabocla, pois os caboclos e as caboclas do Contestado eram bons e queriam o bem, pois suas casas tinham portas, mas não tinham trameças – esse é um traço de permanência da cultura cabocla, que vivenciamos todas as vezes que estamos pelo Contestado (FRAGA, 2012b, p. 11-12).

Outra peculiaridade sobre esse monge é que ele possivelmente tinha conhecimento sobre guerras, ou organização de defesa, haja vista, que ele organizou em seu reduto alguns homens, como uma guarda de 24 homens armados, que chamou de “os doze pares de França numa referência a cavalaria do rei Carlos Magno” (KAISER, 2014, p. 30).

O monge também demonstrava estar contra as ações da república e das empresas em expulsar os caboclos de suas terras, de acordo com esse mesmo autor, ele pregava a construção de uma “monarquia celeste”, que foi confundida pelos intendentes de Curitiba como uma alusão à antiga monarquia brasileira. Esse fator teria sido preponderante para a vinda de soldados do exército paranaense, que resultou no primeiro confronto militar em Irani/SC, já que o monge e 30 de seus homens haviam se deslocado para lá. E apesar da desigualdade na capacidade de defesa dos dois grupos, os caboclos resistiram bravamente ao combate, porém, tanto o monge, quanto o comandante do exército foram mortos.

Esse primeiro confronto que ficou conhecido como a Batalha de Irani foi o início da Guerra do Contestado, que só terminaria quatro anos e milhares de mortes depois.

Diversas causas contribuíram para o início da guerra, como retrata Fraga (2006, p. 80), dentre as quais podemos citar um forte “movimento messiânico de grandes proporções, uma disputa pela posse de terras, uma competição econômica pela exploração de riquezas naturais, e uma questão de limites interestaduais”.

A Guerra do Contestado é tratada por Fraga (2006) como um “genocídio”, pois teve como saldo mais de 20.000 mortos, o autor também acrescenta que:

As forças militares que estiveram no Contestado “para impor a ordem à lei, e afugentar bandos de fanáticos” em tarefa que parecia fácil, defrontaram-se com um verdadeiro exército rival, disciplinado, formado por gente hábil, destemida, idealista, conhecedora do terreno e dos segredos da natureza, que transformaram em pesadelos as investidas oficiais, ao aplicar táticas de guerrilha, envolvendo os soldados em mortíferas ciladas. Só depois de quase dez mil sepulturas é que as tropas legais se convenceram de que tinham estado diante de um inimigo não inferior, e que a vitória final aconteceu porque a astúcia dos camponeses não resistiu ao poderio bélico e à inteligência e persistência militar (FRAGA, 2006, p. 82).

Com o fim da guerra, nem o processo de expulsão desses sujeitos de seu território, e nem todas as mortes ocorridas nesses longos quatro anos foram capazes de eliminar essa população, os caboclos resistiram, assim como seu modo de vida, sua cultura e religiosidade.

A história oral se encarregou de passar sua cultura adiante, bem como, de transmitir e perpetuar os saberes tradicionais acumulados ao longo dos tempos, pois “é a partir da oralidade que os conhecimentos, valores, linguagens, representações, visões de mundo e práticas são transmitidos entre os sujeitos, permitindo a continuidade do tempo passado no tempo presente” (PEREIRA; DIEGUES, 2010, P.40).

Resistências e permanências de uma população tradicional em pós-guerra

O Ser Caboclo não perpassa apenas por um perfil étnico de um povo, uma identidade ou cultura, mas abrange também um modo de vida e contemporaneamente, uma forma de resistência. Sabemos que originalmente era um ser híbrido, constituído pelas populações indígenas, europeias e negras, mas temos na região sujeitos descendentes de europeus que chegaram com o fim da guerra e que também são “caboclos”. Os “europeus acaboclos” que ao chegar nesse novo lugar tiveram que se aproximar da cultura cabocla para resistir às intempéries da vida, desse território (MACHADO, 2015).

Se a cultura não é algo pronto ou estático, e também é a maneira que os homens têm de ver, pensar e sentir o mundo, então, pode-se afirmar que hoje,

culturalmente falando, o homem branco, descendente dos colonos europeus, também pode ser caboclo (BRANDÃO, 2002). Apesar das diferenças herdadas geneticamente, as heranças do lugar que se vive, de suas histórias e da cultura acaba os impregnando, trazendo pertencimento a esse povo, pois ela envolve os homens modelando sua identidade.

Para Brandão (2002, p. 31):

A cultura existe nas diversas maneiras por meio das quais criamos e recriamos as teias (tessituras) e os tecidos sociais de símbolos e de significados que atribuímos a nós próprios, as nossas vidas e aos nossos mundos. Criamos os mundos sociais em que vivemos e só sabemos viver nos mundos sociais que criamos. Ou onde reaprendemos a viver, para sabermos criarmos com os outros os seus outros mundos sociais. E isto é a cultura que criamos para viver e conviver.

Mesmo vencido na guerra, mesmo abafado e negado pelo Estado e pela história oficial da época, o caboclo vive. O branqueamento da pele pode ter ocorrido, mas a cultura cabocla persiste, resiste e se faz presente no modo de se alimentar, na religiosidade, na identidade do povo do Contestado. O processo de miscigenação cultural (além da étnica) permaneceu no pós-guerra e é um processo contínuo, mesmo com a negação forçada da identidade cabocla por parte de muitos sujeitos, que traumatizados com o resultado da guerra tinham medo de afirmarem-se caboclos, esse movimento é quase que inconsciente, mas se realiza. Pode ser claramente e mais facilmente observado em relação aos hábitos alimentares, ao sotaque e dialetos locais, a religiosidade, crenças, enfim, o que se torna importante refletir é que por mais massacrado que tenha sido esse povo, sua presença e seus saberes permanecem.

O conteúdo destes saberes é fruto de uma construção histórica, do que Lévi-Strauss (1989) intitula como a “ciência do concreto”, geralmente banalizados pela ciência formal, esses saberes são resultados das experiências e observações acumuladas e transmitidas por gerações, e no caso do caboclo, esse saber foi construído por diferentes etnias que com suas culturas específicas resultaram nessa mescla experienciada e até hoje difundida, tanto por seus remanescentes, como por aqueles que entraram em contato com toda essa riqueza, essas tradições e se maravilharam com elas.

Esses grupos com seus modos de vida diferenciados são tratados por diversos autores como povos tradicionais, populações ou comunidades tradicionais, pois apresentam diferentes relações com o meio natural e seus recursos, representam outro modo de vida. Para Almeida:

Os povos e comunidades tradicionais, embora apoiados também nas unidades de trabalho familiar e em diferentes modalidades de uso comum dos recursos naturais, apresentam uma consciência de si como grupo distinto, com identidade coletiva própria, e formas de organização intrínsecas que não se reduzem à ocupação econômica ou à relação com os meios de produção (ALMEIDA, 2010, p.110).

Em complemento a essa ideia de que as suas formas de organização não se resumem apenas ao seu meio de produção é que nos pautamos também nos conceitos trazidos por Diegues (2001) que são os de população e/ou comunidade tradicional os quais destacamos a:

[...] dependência e até simbiose com a natureza, os ciclos naturais e os recursos naturais renováveis a partir dos quais se constrói um modo de vida; (...) conhecimento aprofundado da natureza e de seus ciclos que se reflete na elaboração de estratégias de uso e manejo dos recursos naturais. Esse conhecimento é transferido de geração em geração por via oral; (...) noção de território ou espaço onde o grupo social se reproduz econômica e socialmente; (...) importância dada à unidade familiar, doméstica ou comunal e às relações de parentesco ou compadrio para o exercício das atividades econômicas, sociais e culturais; Importância das simbologias, mitos e rituais associados à caça, à pesca e atividades extrativistas; (...) auto-identificação ou identificação pelos outros de se pertencer a uma cultura distinta das outras (DIEGUES, 2001, p. 87-88).

Diegues (2010) faz um adendo sobre esse conceito diferenciando às “comunidades tradicionais não indígenas, das comunidades tradicionais indígenas”, para ele um dos principais elementos de ligação desses grupos com a natureza é a sua relação com o território. Ele também trás nessa mesma obra um conceito de território dentro da perspectiva dessas comunidades, onde o território “pode ser uma porção da natureza e do espaço sobre o qual determinada sociedade reivindica e garante a todos, ou a uma parte de seus membros, direitos estáveis de acesso, controle ou uso na totalidade ou parte dos recursos naturais existentes” (DIEGUES, p. 25, 2010).

Semelhante a outras populações tradicionais, os caboclos da região do Contestado, tinham seu modo de vida dependente da terra, já que viviam da coleta da erva-mate, do pinhão, do plantio de subsistência, da criação de porcos soltos pelas matas de araucária, eram camponeses que tiravam sua sobrevivência da terra que ocupavam. Não eram miseráveis como são apontados em alguns textos, passaram a ser com a guerra e após a ela, já que seus efeitos perversos ainda persistem na região (QUEIROZ, 1966; FRAGA, 2006, 2012; FRAGA & LUDKA, 2012).

A relação desses grupos com os seus territórios é intrínseca a sua herança cultural, os saberes transmitidos através das suas tradições orais passadas a

gerações, especialmente por seus antepassados indígenas, onde o território, a terra, faz parte do ser, não é uma mercadoria como para o Europeu e o Norte Americano era. É a partir dessa “oralidade que os conhecimentos, valores, linguagens, representações, visões de mundo e práticas são transmitidos entre os sujeitos, permitindo a continuidade do tempo passado no tempo presente” (PEREIRA; DIEGUES, 2010, p.40).

Além da transmissão oral da cultura e modo de vida conduzidas pelo povo caboclo a partir das histórias e causos de seus ancestrais, houve também, um lado perverso dessa transmissão, que resultou em outro discurso sobre a guerra e sobre o ser caboclo, e que criou nos próprios descendentes um estigma, a vergonha, o escárnio de pertencer a famílias de jagunços, os pelados⁴, fanáticos, bandidos. A má informação e a mistificação influenciada pela versão oficial, contada pelo Estado, militares e mídia que os apoiava, fez com que, por décadas, esses remanescentes se envergonhassem de suas origens, já que foram levados pelo discurso oficial, a crer que jagunços e caboclos eram os mesmos sujeitos.

O jagunço, como visto anteriormente, era como um mercenário, contratados para ajudar na “limpeza” da terra, ou seja, na expulsão dos caboclos de suas terras para liberá-las aos seus futuros proprietários, e que, contraditoriamente, após a realização de sua tarefa de defender os fazendeiros e a Lumber, foram descartados e acabaram indo engrossar a população dos caboclos em seus redutos, e por certos momentos chegaram a lutar e a morrer ao lado de seus antigos adversários (MACHADO, 2011). Talvez esse fato tenha contribuído com essa visão de que seriam todos jagunços, a fusão desses sujeitos no imaginário social por influência dos atores externos que acabaram os massacrando, tanto em vida, quanto em morte.

Essa população carregou o estigma de terem sido os bandidos, os fanáticos, os que provocaram a guerra, os culpados pelos massacres. Carregaram esse pensamento por décadas, mas isso tem mudado, o aprofundamento dos fatos sobre a guerra, para além dos registros oficiais e midiáticos da época estão contribuindo para essa mudança de paradigma, mudança de atitudes perante a história vivida por eles e por seus antepassados. Da vergonha de outrora, vemos o orgulho pelo pertencimento ao povo caboclo. A preocupação e o esforço de pesquisadores, jornalistas, políticos, cineastas, artistas em recontar a Guerra e revalorizar o papel desses atores, trouxe uma contribuição incomensurável, tanto para a nossa história como nação, quanto para essa população. Que hoje sente orgulho em se dizer cabocla, em lembrar o que fora tão sufocado. É preciso também deixar claro que essa revalorização dos fatos vividos e dos sujeitos é um movimento regional, para o resto do país a Guerra do Contestado ainda é praticamente desconhecida.

Além da revalorização e do empoderamento dos sujeitos através do conhecimento de sua história, também é possível de se observar em campo, a valorização dos seus espaços sagrados, lugares que guardam marcas da guerra, dos sujeitos, e especialmente da passagem dos monges pela região estão sendo restaurados e preservados por grupos locais⁵. O culto ao monge São João Maria perpassou o período da guerra e continua vívido, seja nas casas das famílias que penduram sua figura na parede e repetem as orações por ele deixadas ou no culto às águas santas (figura 01), até mesmo num sincretismo religioso com a Igreja Católica. Estas são formas de resistências e permanências que podem ser percebidas na região, como também a presença dos museus sobre a guerra, a reverência aos lugares da guerra como a roseira centenária (figura 02), o crematório de Perdizinhas (figura 03), as estátuas do monge espalhadas por todo o território, bem como, os locais em que os caboclos e o monge (figura 04) foram sepultados.

Figura 01 – Fonte de águas do Monge.



Fonte: Autora, 2015

Figura 03 – Crematório de Perdizinhas



Fonte: Autora, 2015

Figura 02 – A roseira centenária



Fonte: Autora, 2015

Figura 04 – Sepultura do Monge José Maria



Fonte: Autora, 2015

A roseira centenária está sobre a vala dos 4.000 mortos do fim da guerra, foi plantada em homenagem a eles e também é um lugar de visitação na região. Essa placa logo abaixo da roseira foi posta durante o Governo de Esperidião Amin (1999-2002), como esta, outras placas demarcam pontos importantes para a história da região e da guerra. O crematório de Perdizinhas é outro ponto que rememora a morte

dos caboclos, neste local, inúmeros corpos foram cremados durante a guerra, era uma forma de não contabilizar os mortos, pois não deixava vestígios, existem muitos desses na região, alguns estão desaparecendo sob as plantações de pinus.

Durante o trabalho de campo realizado na região, em novembro de 2015, puderam ser registrados por meio de fotografias e visitados, os vários locais destacados: as estátuas, imagens e placas entalhadas com a imagem do monge São João Maria, bem como a imagem do monge São João Maria em frente à Igreja Católica do município de Lebom Régis/SC e em frente à antiga estação ferroviária de Calmon/SC.

A figura 04 apresenta o local onde foi enterrado o monge José Maria de Agostini, em Irani/SC. Ele foi morto na primeira batalha da guerra que fora realizada nesse mesmo lugar, e ao lado de sua sepultura está a “a vala dos 21”, onde estão enterrados 21 dos 30 homens que o acompanharam até Irani e que foram mortos junto com ele.

Durante esse campo ficou nítido que muitos dos habitantes dessa região estão lutando para manter esse patrimônio histórico, e que o poder público Estadual e alguns governos locais estão sendo omissos, ou seja, não estão dando o apoio necessário para a conservação dos sítios históricos, monumentos e museus. Outro elemento percebido claramente nos discursos da população local é de que existe uma revalorização do “Ser Caboclo”, o orgulho de pertencer a esse povo. Isso se deve ao empoderamento via conhecimento, conhecer a história fez eles se valorizarem, relembrem os fatos marcantes de sua história, às suas tradições, as festas populares, as cavalgadas. Enfim, todos esses gestos, signos mantidos pela população torna-se sua força, sua resistência à exploração, expropriação e mortes de tantos inocentes pelo capital estrangeiro e pelo Estado.

Outro elemento importante percebido na região e que acreditamos estar relacionado a presença dessa população tradicional são as muitas áreas preservadas de mata de araucária, graças a essa população que valoriza o pinhão e tem outra racionalidade frente à exploração da floresta. A agressividade de muitos sujeitos ligados a Lumber perpassou a guerra, as batalhas sangrentas e foi para a floresta, o modo como a araucária foi também praticamente exterminada é semelhante ao que sucedeu ao caboclo, a mesma ferocidade, como retratou tão bem Pereira:

Antes, porém de lotear o longo e riquíssimo trecho recebido como parte do pagamento da construção da estrada de ferro, a Brazil Railway Company despojava-se das florestas, mediante um processo predatório gigantesco e irracional. (...) Esta ergueu uma serraria em Três Barras (...) a maior da América Latina, engolia diariamente 300 metros cúbicos de madeira, e totalmente mecanizada, enchia comboios e comboios que desciam para o porto de São Francisco do

Sul (...) arrancavam-nas com o emprego de cabos de aço ligados ao poderoso guincho que puxava a árvore arrastando-a com um mecanismo bárbaro ligado a uma locomotiva. Com a árvore derrubada vinha tudo de roldão, até mesmo as palhoças dos camponeses (PEREIRA, 1966, p. 241).

Esse relato demonstra que a guerra do contestado além de toda a problemática já discorrida nesse texto, também foi um conflito ambiental, que pode ser somado ao montante da dívida social e histórica dessas empresas e do Estado para com a região. Também estão nessa conta, o fato de estarem presentes naquela região as áreas mais pobres do estado de Santa Catarina, verdadeiros “bolsões” de miséria que fazem parte deste legado (FRAGA; LUDKA, 2012). Sabemos que essa dívida nunca será paga, pois como colocar preço na vida de 20.000 crianças, mulheres e homens mortos nessa terra? Como calcular todas as perdas dessa população? O reconhecimento desse crime pelo Estado Brasileiro pode ser um ponto fundamental, para que essa dívida comece a ser paga.

O que nos cabe enquanto sociedade é valorizar essa história e esse povo que, contemporaneamente, tem sua ancestralidade comemorada e não mais negada como no passado. Esse empoderamento dos descendentes dos caboclos mortos e perseguidos na guerra representa mais uma prova da força dessa gente cabocla.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A Guerra do Contestado foi um dos maiores massacres realizados dentro do Brasil, deixou um saldo de milhares de mortos, tantos outros desalojados de suas terras e aliados de seu modo de vida. Além dos problemas enfrentados antes e durante o período da Guerra, os caboclos do Contestado continuam fazendo a colheita obrigatória dos resquícios deste período. Como ao longo desse artigo não é por acaso que essa região é a mais pobre e desigual do estado de Santa Catarina. Mesmo com investimentos e criação de inúmeras indústrias na região, as benesses continuam sendo mal divididas, e o Estado que seria o mediador, se ausenta e falha mais uma vez, aumentando ainda mais a dívida histórica com essa população.

Apesar de tudo que passaram, dos traumas e estigmas deixados pela guerra, os caboclos continuaram seguindo suas vidas, suas tradições e hoje se esforçam em um movimento de revalorização e preservação de sua história. Tantas foram às rupturas, mas as formas de resistências estão suprimindo lacunas deixadas pelo tempo e pelo descaso das autoridades, a união das comunidades locais em prol da manutenção dos sítios históricos é louvável e reforça ainda mais as suas identidades, suas origens caboclas. A manutenção das tradições, das festas, comidas, ritos e dos

lugares sagrados os fortalece, e pode ser uma maneira de promover um desenvolvimento local, aumentando a renda dessas localidades e de suas famílias. A Guerra acabou, mas a luta continua!

REFERÊNCIAS

- ALMEIDA, A. W. B. et al. **Agroestratégias e desterritorialização: direitos territoriais e étnicos na mira dos estrategistas dos agronegócios**. In: **Capitalismo globalizado e recursos territoriais**. Rio de Janeiro: Lamparina, 2010.
- BRANDÃO, C. R. **A Educação como Cultura**. Campinas: Mercado das Letras, 2002.
- DIEGUES, A. C. S. **O mito moderno da natureza intocada**. 3ª ed. São Paulo: Hucitec, 2001.
- DIEGUES, A. C. S. **Saberes tradicionais e biodiversidade no Brasil**. Brasília: MMA, São Paulo. USP, 2010.
- FRAGA, N. C.; LUDKA, V. M. **100 anos da Guerra do contestado, a maior guerra camponesa na América do Sul (1912/2012): uma análise dos efeitos sobre o território sul-brasileiro**. Anais do XII Colóquio internacional de Geocrítica. 2012.
- FRAGA, N. C. **Contestado em Guerra: 100 anos do massacre insepulto do Brasil**. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2012. v. 1000. 550p.
- _____. **Contestado: o território silenciado**. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2009. v. 1000. 264p.
- _____. **Mudanças e Permanências na Rede Viária do Contestado: uma análise acerca da formação territorial do Sul do Brasil**, Tese (Tese de doutorado), Doutorado em Meio Ambiente e Desenvolvimento. Universidade Federal do Paraná, UFPR, 2006.
- KAISER, J. **Guerra do Contestado: a revolta dos caboclos no sertão catarinense**. Florianópolis: Letras brasileiras, 2014.
- LÉVI-SATRUISS, C. **O pensamento selvagem**. Campinas/SP: Papirus, 1989.
- MACHADO, P. P. **Guerra, cerco, fome e epidemias: memórias e experiências dos sertanejos do Contestado**. Topoi, v. 12, n. 22, jan.-jun. p. 178-186. 2011.
- MACHADO, P. P. **Terra cabocla**. Direção: Marcia Paraiso e Ralf Tambke. Plural Filmes, 2015. DVD (82 min).
- MEIRINHO, B. C. D. A terra vista do espaço. Breve ensaio sobre o Contestado e as modernas relações do homem com a natureza. In: FRAGA, N. C. (ORG.) **Contestado: o território silenciado**. 1. ed. Florianópolis, SC: Editora Insular, 2009. v. 1000. 264p.
- PEREIRA, B. E.; DIEGUES, A. C. **Conhecimento de populações tradicionais como possibilidade de conservação da natureza: uma reflexão sobre a perspectiva da etnoconservação** Desenvolvimento e Meio Ambiente, n. 22, p. 37-50, jul./dez. 2010. Editora UFPR.
- PEREIRA, O. D. **O cinquentenário da guerra sertaneja do Contestado: Paraná – Santa Catarina**. Revista Civilização Brasileira, n. 9-10, p. 223 -246. Ed. Civilização Brasileira, 1966.
- QUEIROZ, Marcelo V. de **Messianismo e conflito social: a guerra sertaneja do Contestado: 1912 – 1916**. Rio de Janeiro: Ed. Civilização Brasileira S.A, 1966.
- RIBEIRO, Darcy. **O Povo Brasileiro: A formação e o sentido de Brasil**. 2ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.
- TOMAZI, G. **A mística do Contestado: a mensagem de João Maria na experiência religiosa do Contestado e dos seus descendentes**. São Paulo, PUC, 2005.
- WELTER, T. **O profeta São João Maria continua encantando no meio do povo: Um estudo sobre os discursos contemporâneos a respeito de João Maria em Santa Catarina**. 2007. 338 p. Tese (tese de doutorado), Programa de Pós-Graduação em Antropologia Social da Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2007

¹ Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Geografia pela UEL. E-mail: Cris_buratto@yahoo.com.br

² A outra vertente é a de que seria um conflito de cunho religioso promovido por fanáticos que seguiam o profeta São João Maria. O messianismo que foi divulgado para camuflar os verdadeiros interesses por trás desse conflito. Os caboclos tinham sim sua religiosidade e seguiram os conselhos e profecias do monge, mas como uma forma de força, de resistência aos ataques que sofriam e não o contrário (WELTER, 2007).

³ De acordo com Kaiser (2014, p. 26-29) foram três os monges do Contestado, o primeiro conhecido como Monge João Maria de Agostinho, de origem italiana, teria passado por toda a região sul em 30 anos, de 1840 a 1870, pregando e cuidando de enfermos, era considerado um santo, deixou muitos seguidores e desapareceu misteriosamente. O segundo monge teria surgido no período da Revolução Federalista (1893-1895), seu nome era Atanás Marcaf, com provável origem sírio-libanesa, mas que teria adotado o nome de João Maria de Jesus, por causa do seu poder de cura foi seguido por milhares de fiéis que acreditavam ser ele uma reencarnação do primeiro monge. Em 1908 ele também desapareceu suscitando no povo a sua possível ressurreição ou reencarnação. O terceiro monge chegou à região vindo de Palmas e se apresentou como José Maria de Santo Agostinho, era conhecedor do poder curativo das plantas e por ter auxiliado e curado a filha de um dos coronéis da região, logo sua fama se espalhou, criou uma farmácia popular para atender o povo em Taquaruçu.

⁴ Termo utilizado para referenciá-los em contraposição aos homens do exército republicano “os peludos”, pois os mesmo na guerra tinham suas cabeças raspadas, a fim de evitar pragas. A Guerra do Contestado também é conhecida como a guerra dos “peludos contra os pelados”.

⁵ Existem grupos locais de preservação da história e da cultura do Contestado, dentre eles estão o “Grupo de Ação de São João Maria”, de Lebon Régis/SC; o grupo dos “Cavaleiros do Contestado”, também de Lebon Régis/SC; o “Observatório do(s) Centenário(s) da Guerra do Contestado” – OCGC/UEL, que envolve a população da região e pesquisadores. Também existem outras tantas iniciativas locais ligadas a paróquias e capelas da Igreja Católica e que também estão envolvidas nesse movimento pela valorização do Contestado.